

Ciência Atual

Revista Científica
Multidisciplinar das
Faculdades São José

2015

Volume 5 | Nº1



FACULDADES
SÃO JOSÉ

ISSN 2317-1499

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O PAPEL DA AÇÃO DO PSICOPEDAGOGO

RELATIONSHIP BETWEEN THE IMPORTANCE OF FAMILY AND CHILD IN SCHOOL
EDUCATION AND THE ROLE OF ACTION PSYCHOPEDAGOGISTS

Caciara Reis Ferreira

Pós Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional – Faculdades São José- Turma 2012

Orientador: Prof. Dr. José Eduardo Pereira Filho

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo estreitar a relação entre a família e a escola na Educação Infantil. Para tanto, também irá expor a contribuição do psicopedagogo nesta relação. Salienta-se a necessidade de conscientizar às famílias da importância desta relação através do entendimento sobre o que é a primeira infância, pois, é nesta etapa da vida que se constrói a base para as aprendizagens posteriores. Ou seja, a criança frequentadora da Educação Infantil é beneficiada quando tem suas habilidades trabalhadas dentro do limite do seu entendimento e da sua prática. Porém, a parceria é uma via de mão dupla e sendo assim, a escola também tem um papel de grande importância para firmar este compromisso. A escola pode, através da ação do psicopedagogo, ministrar palestras com esclarecimentos acerca desta importante etapa da Educação Básica, promovendo uma tentativa de mudança de olhar às crianças desta faixa etária, tornando os pais/responsáveis conscientes do que a criança é capaz de entender e produzir e assim, os pais/responsáveis podem tornar-se mais participativos e incentivadores destas crianças. Conclui-se então que a partir de um estreitamento na relação entre a família e a escola, a criança é quem se beneficia e assim pode tornar-se mais confiante em suas produções, que como dito anteriormente, são bases para aprendizagens futuras.

Palavras-Chave: Primeira infância, Educação Infantil, desenvolvimento, aprendizagem.

ABSTRACT

This article aims to strengthen the relationship between the family and the Childhood Education. So that, it will also expose the contribution of the psychoeducator in this association. It is necessary to enhance to the families the importance of this partnership by understanding what the early childhood is. In this stage of life the child build the support for further learning. Then, the child who attends childhood education is benefited when her skills are worked within the limits of her understanding and practicing. How ever, this association is a two-way street, and in such case the school is also a major and important part to make this commitment happens. Through the action of the psychoeducator the school may give some lectures to clarify about this important stage of the basic education, promoting an attempt to change the way of looking to this age group. It also makes the parents/guardians aware of what the child is able to understand and produce and then, parents/guardians may become more involved and supportive with that child. We can conclude that the child is the one who are benefited when there is a narrow relationship between family and school. In this case, as said before, the child become more confident in her productions what are the bases for future learning.

Keywords: Early childhood , early childhood education , development, learning.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da importância da relação entre a família e a escola na educação infantil e o papel da ação do psicopedagogo na referida relação.

De modo específico busca-se saber/ investigar como as famílias podem tornar-se parceiras da escola a fim de contemplar todas as habilidades da criança frequentadora da Educação Infantil, bem como saber como a escola pode tornar-se pró ativa neste processo de parceria.

Respondendo a problemática acima, as famílias podem tornar-se parceiras da escola agindo de forma consciente acerca desta faixa etária e também através de uma mudança de atitude em relação às mesmas para que as suas potencialidades sejam preservadas e respeitadas; quanto à escola, esta pode tornar-se pró ativa, valendo-se das contribuições do psicopedagogo para estreitar esta parceria através de palestras e esclarecimentos sobre tema.

O objetivo geral é apontar como os principais atores envolvidos, direta ou indiretamente com a criança da educação infantil, podem agir de forma a contemplar todas suas habilidades, respeitando seus limites e valorizando suas produções.

Enquanto os objetivos específicos são descrever sobre os devidos cuidados na primeira infância; a importância da educação infantil para o desenvolvimento cognitivo, físico, social e psicológico; sinalizar como as famílias lidam com esta etapa da educação básica; apontar a ação do psicopedagogo a fim de prevenir ou minimizar problemas relacionados a este tema.

Os motivos que levam à realização deste estudo, foi perceber que durante a pesquisa quanto ao tema relação entre a família e a escola, é nítido que esta parceria só se faz mais presente a partir do ingresso da criança no Ensino Fundamental I, ou seja, a Educação Infantil e a primeira infância são fases da vida das crianças ignoradas por diversos grupos que lidam com esta faixa etária, sem levar em consideração os aspectos relevantes ao desenvolvimento do indivíduo pertencente a este grupo, bem como não respeitando tudo que lhe é inerente, exigindo habilidades e entendimento que ainda não estão ao seu alcance.

O artigo é relevante porque reconhece que a criança que tem a sua infância respeitada e preservada dentro dos limites de seu entendimento, tem maior grau de confiança em tudo que faz, tornando-se assim, uma criança que sabe respeitar e conviver em grupo com mais facilidade quanto ganhos e perdas, por exemplo, e todas as exigências que a vida em sociedade impõe. Estudos comprovam que os devidos cuidados na primeira infância, levam o indivíduo a ter mais estudos e boa colocação no mercado de trabalho. Então, a devida atenção e parceria com a escola dos alunos da Educação Infantil são imprescindíveis.

Para a realização do estudo foi estabelecida a pesquisa bibliográfica que permitiu recuperar conceitualmente a questão central do trabalho, por meio de autores e conceitos centrais. Auxiliando a citada pesquisa, também foi elaborada uma pesquisa documental, com a LDB, Código de Ética da ABPp e Referencial Curricular da Educação Infantil.

Por fim, embora não tenha sido elaborado um estudo de caso, foi produzido um breve relato de experiência por meio de uma entrevista informal com os pais de crianças da Educação Infantil, permitindo, assim, analisar algumas situações concretas e reais.

A primeira infância há muito vista como uma etapa da vida que não necessita de grandes cuidados e com pouca importância, tem sido alvo de estudos que comprovam que é necessário um olhar mais atento para esta faixa etária, pois, os seus devidos cuidados são indispensáveis para um desenvolvimento apropriado, onde entendendo e respeitando cada etapa deste desenvolvimento, o mesmo ocorrerá de forma satisfatória, sem que haja prejuízo à criança que se encontra nesta faixa etária.

Estudos da área da psicologia, da neurociência e outras áreas afins, comprovam a necessidade de se entender e respeitar a criança nesta etapa, onde diversos e complexos mecanismos biológicos e neurais estão em desenvolvimento e um olhar mais atento e cuidadoso faz a diferença para que a criança consiga se desenvolver da forma mais eficaz.

A educação infantil, que é a primeira etapa da educação básica, tem garantida por lei seus direitos a fim de valorizar suas potencialidades dentro do ambiente escolar. Na educação infantil, as crianças têm a oportunidade de aprimorar seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Nesta etapa da educação básica é muito importante a presença da família como suporte e complemento das aprendizagens ocorridas neste ambiente, pois com o devido entendimento das atividades propostas, a família tem um papel fundamental para que o desenvolvimento ocorra de forma mais satisfatória possível.

A família é o primeiro meio social que a criança tem para se desenvolver e aprender através dos conhecimentos e culturas inerentes deste grupo. Com a finalidade de proporcionar uma parceria entre este grupo social e a escola, é necessário que a família se conscientize da importância do seu papel neste processo.

A psicopedagogia e seu campo de atuação são fundamentais para que o desenvolvimento da primeira infância ocorra da melhor maneira possível, pois, com as devidas intervenções aos responsáveis, direta e indiretamente, pelos menores de seis anos, a psicopedagogia pode mediar esta relação, para que cada vez mais se entendam e respeitem esta faixa etária.

Certa vez, uma criança de três anos entregou um desenho à sua mãe. O desenho, feito numa folha de caderno, consistia em linhas coloridas umas sob as outras. A mãe, feliz, disse: "que lindo arco íris filha!" qual não foi a sua surpresa quando a criança indignada lhe disse que não era arco íris, e, sim o mar. A mãe ficou perplexa e sem graça e compreendeu que naquele momento não adiantava convencer a filha que o mar não é colorido e que aquele desenho mais se parecia com um arco íris, pois, a criança tinha convicção de que havia desenhado o mar. Um lindo mar com ondas coloridas. Assim, uma criança de três anos representa da sua maneira e com a capacidade inerente a sua faixa etária o seu desenho, o seu traço, a sua imaginação.

PRIMEIRA INFÂNCIA

A fim de entender sobre a primeira infância, o presente artigo irá expor sobre a visão da neurociência, da psicologia de Piaget e dos pensamentos de Rousseau.

A primeira infância é a etapa da vida vista como a que mais necessita de cuidados, visto que é a etapa onde existe a formação de milhares de neurônios que ainda estão se constituindo, onde nela se consolida toda a base para as aprendizagens posteriores, e em definitivo é uma etapa a se cuidar.

Segundo o Instituto Camargo Corrêa

a primeira infância é a base para todas as aprendizagens humanas. Estudos demonstram que a qualidade de vida de uma criança entre o nascimento e os seis anos de idade pode determinar as contribuições que ela trará à sociedade quando adulta. Se este período incluir suporte para o crescimento cognitivo, desenvolvimento da linguagem, habilidades motoras, adaptativas e aspectos sócios emocionais, a criança terá uma vida escolar bem sucedida e relações sociais fortalecidas.

Do nascimento aos doze primeiros meses, as crianças necessitam de cuidados especiais de proteção, nutrição adequada, atenção à saúde, estimulação sensorial, e sentirem-se amadas pelos pais e/ou cuidadores. De um aos três anos de idade, por meio de experimentação e brincadeiras, as crianças adquirem habilidades motoras, cognitivas, de linguagem, aprendem autocontrole e independência. Já entre os três e seis anos aperfeiçoam suas habilidades motoras finas, aprimoram a linguagem, seu senso enquanto seres sociais vai se desenvolvendo e iniciam a aprendizagem da leitura e da escrita (AGUIAR apud JOIA, 2006, p.4)

Cada etapa, conforme citado acima, tem suas peculiaridades e desenvolvimentos necessários para que as crianças desta faixa etária consigam novas realizações. Respeitá-las é uma condição importante e os responsáveis por estas crianças devem estar atentos quantos estes importantes cuidados.

A neurociência tem contribuições bastante significativas para o desenvolvimento da primeira infância e tem ajudado a compreender esta importante fase da vida da criança.

Vários estudos concluíram que nos primeiros anos de vida o processo de conexão sináptica e a plasticidade cerebral são exuberantes, pois, diferentemente do corpo, o cérebro não aumenta tantas células depois do nascimento, mas sim, faz crescer as prolongações das mesmas provocando um sistema de comunicação fenomenal. A explosão de sinapses para a estruturação significativa desta complexa rede neuronal permitirá o despertar paralelo de muitas habilidades sensoriais, motoras, cognitivas, sociais e emocionais que permitirão à criança integrar-se ao mundo que a rodeia, crescer e desenvolver-se. (CAMPOS, 2010, p.50)

A infância é, em definitivo, uma etapa para se cuidar: entendê-la transformará o estilo de atenção e educação familiar ou institucional que serão brindadas a este tão precioso momento da vida do ser humano. (CAMPOS, 2010, p.47)

Também de grande valia são as contribuições de Jean Piaget, que são de grande importância para o entendimento da primeira infância. Piaget foi estudioso na área de Ciências Naturais e também dedicou suas pesquisas à descoberta sistemática da evolução mental da criança, assim como os problemas epistemológicos. Sua ideia consiste em compreender a formação dos mecanismos mentais na criança para todos aqueles que desejarem entender sua natureza e seu funcionamento no adulto.

Através de seus experimentos, Piaget (1999) pode perceber que existem etapas em que necessariamente a criança precisa passar para se chegar a outra. O desenvolvimento desde o nascimento é contínuo e para cada etapa destes desenvolvimentos da vida da criança Piaget denominou de períodos. Do nascimento até os dois anos a criança encontra-se no período sensório-motor; dos 2 aos 7 anos, é considerado período pré-operatório; de 7 aos 12 anos, período operatório concreto; e de 12 anos em diante é denominado período operatório formal.

Como o tema deste artigo trata da educação infantil, segue as etapas dos estudos de Piaget voltados para esta fase que a criança se encontra, que é o sensório-motor e pré-operatório.

É no período sensório motor de desenvolvimento que assistimos ao “chamado” nascimento da inteligência. Piaget (1999) verificou que é durante este primeiro período de desenvolvimento que a criança integra as informações oriundas dos vários órgãos sensoriais (por exemplo, passa a olhar para o que ouve, a ouvir o que pega, etc), que de início funcionam isoladamente, e também passa a agir como se o mundo externo fosse um local permanente, onde os objetos existem, independentemente da percepção dos mesmos.

Já no período pré-operatório, que corresponde dos dois aos sete anos de idade, caracteriza-se pelo aparecimento da linguagem, fator importante que contribui para modificações no aspecto intelectual afetivo e social da criança. O desenvolvimento do pensamento se acelera e a maturação neurofisiológica se completa. O egocentrismo representa característica do desenvolvimento intelectual e social.

Assim como os estudos de Piaget são importantes, Rousseau também tem forte impacto nos seus estudos sobre a infância.

Um dos principais estudiosos da educação infantil do século XVII, Rousseau tem até hoje fortes seguidores de seus estudos, a ponto de hoje em dia, os seus pensamentos serem como norteador para a educação das crianças francesas.

Pamela Druckerman, que atuou como repórter internacional, também foi escritora do The New York Times e para revista Marie Claire, atualmente mora em Paris e lançou seu livro sobre a educação francesa, que se tornou primeiro lugar na lista dos mais vendidos, cita a importância de Rousseau para a educação dos franceses, conforme no trecho abaixo.

[...] Os amigos franceses me contam que leram no ensino médio. O impacto de Emílio é tão duradouro que passagens e ditos do livro são clichês da criação de filhos moderna, como a importância do “despertar”. E os pais franceses ainda aceitam como verdadeiros vários de seus preceitos. (DRUCKERMAN, 2013, p.89)

Preocupado como os pais educariam seus filhos, Rousseau lançou Emílio, ou Da Educação, em 1762, onde descreve a educação de um garoto fictício chamado Emílio e através deste livro, sugere várias mudanças no trato com a criança, respeitando seus limites. E Rousseau é bem rígido conforme se percebe no trecho a seguir:

Um pai quando gera filhos e os alimenta não cumpre senão um terço de sua tarefa. Deve homens à sua espécie, deve à sociedade homens confiáveis; deve cidadãos ao Estado. Todo homem que pode resgatar esta triplíce dívida e que não o faz é culpável, e mais condenável talvez quando o faz pela metade. Quem não pode cumprir os deveres de pai não tem o direito de tornar-se pai. (ROUSSEAU apud CERIZARA, 1989, p. 49)

Portanto, para Rousseau, os cuidados com a infância são indispensáveis e fundamentais para a formação da criança.

O respeito do adulto pela criança deve começar pela aceitação da sua forma própria de viver e de conviver com o mundo; por isso é necessário que o adulto conduza-se como companheiro das crianças no divertimento. (ROUSSEAU apud CERIZARA, 1989, p. 49).

Nesta perspectiva, fica claro como é importante que os adultos compreendam e aceitem a forma de ser das crianças. Aceitando sua forma de ser, o trato com elas fica inclusive mais fácil de lhe dar. Compreendendo suas características, o adulto pode orientar-lhes com mais clareza.

Assim, com os esclarecimentos acima da primeira infância e a importância dos devidos cuidados com esta faixa etária, tratemos agora da Educação Infantil.

EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil é uma etapa de grande importância para o desenvolvimento das potencialidades da criança e faz parte da educação básica, que vai da educação infantil até o ensino médio, e para melhor entendê-la o presente artigo irá expor o amparo que esta etapa da educação tem garantida por lei; bem como as ideias do psicomotricista Ricardo Alves e sobre a importância do desenho e da brincadeira para esta etapa da educação escolar. A educação infantil tem seus direitos garantidos pela LDB que em seu Art. 29º, diz: A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

E em seu Art. 31º, define como será a avaliação: Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, nesta etapa são trabalhadas as seguintes disciplinas: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática. Cada uma tem seus objetivos específicos a serem trabalhadas de acordo com a faixa etária, respeitando seus limites e suas potencialidades.

Este importante Referencial deve ser utilizado pelos pais que pretendem engajar-se no compromisso e na parceria com a escola, e, também a escola deve valer-se deste norteador para por em prática uma educação de alta qualidade e baseada em documento oficial do governo.

Para entender um pouco mais deste universo infantil, expõe-se agora algumas colaborações de Ricardo Alves que é psicomotricista e mestre em educação. Alves tem a preocupação desde como se dá a concepção da criança, a formação do ser humano, bem como o seu ingresso na educação infantil e os seus devidos cuidados que são fundamentais para a criança desta faixa etária, o que vem de encontro com o tema deste artigo, que é a relação entre a família e a escola, onde se reforça a necessidade de um pleno entendimento desta fase da criança para assim firmar uma parceria para esta etapa de grande importância na vida das mesmas.

Para Alves (2013, p.31) “[...] na Educação Infantil, se algum saber for imposto, não gerará bases de conhecimentos”.

Ou seja, quando a criança tem contato com uma aprendizagem que é fora do seu contexto, torna-se uma aprendizagem sem função, a criança não compreende e não consegue fazer uso funcional do que aprendeu.

Torna-se nítido que os cuidados são minuciosos no trato com as crianças, pois, quando seu entendimento não é respeitado, começa aí um processo de negação a este rico espaço que deve ser a escola, em especial na educação infantil.

Em conversa informal com alguns pais de crianças na idade de frequentar a educação infantil, percebe-se que há um “descuidado” para esta fase escolar, não sendo valorizado o que a criança irá aprender e também como se pode ajudá-las nessa caminhada e valorizar cada aprendizagem ocorrida neste espaço. Muitos pais acham que a criança vai à escola só para brincar, rabiscar, socializar, mas, sem dar o devido valor que todas estas habilidades têm de importante para o pleno desenvolvimento da criança. Assim sendo, ainda com contribuições de Alves e de outros autores, agora o presente artigo apresentará breve esclarecimento da importância do desenho e da brincadeira para esta faixa etária.

Segundo Alves (2013, p. 32) “Paradoxalmente a infância é uma etapa do fazer nada e é quando, invariavelmente, acontece tudo”.

Qual a importância de desenhar no processo de aquisição da escrita? Para responder a esta pergunta, o presente artigo se valerá dos estudos de Alexandroff, que nos mostra com clareza sobre a importância de desenhar e nos traz à reflexão com este trecho de seu artigo:

Poucos adultos conseguem perceber o quanto o desenho infantil pode ser revelador do grau de grau de maturidade, do equilíbrio emocional e afetivo, bem como do desenvolvimento motor e cognitivo da criança. Dentre vários autores que falam sobre a importância do desenho destacamos Pillar, O desenho está muito mais próximo dos aspectos figurativos da realidade e do símbolo, enquanto a escrita está próxima dos aspectos operativos – não ligados às configurações dos objetos, mas às suas transformações – e dos signos e sinais que são arbitrários. (PILLAR apud ALEXANDROFF, 2010, p.3)

Então, quando uma criança, conforme relato na introdução, faz suas produções, os adultos por vezes não compreendem estas produções, porém, ao tomar conhecimento de cada etapa da primeira infância, os adultos podem entender melhor sobre tudo que é feito pelas mesmas.

Assim, Alves também nos traz à tona esta questão do desenho quando nos diz:

Quando uma criança que não domina a escrita, ela desenha, não retrata nesse desenho aquilo que ela vê e sim o que ela imagina e com isso ela elabora o caminho para a escrita. Podemos dizer então que para a escrita convencional, desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita da criança. Escrever, então se inicia juntamente com várias estruturas psicomotoras de base como a imagem e o esquema corporal, a tonicidade, o equilíbrio e a lateralidade, importantes na construção, não apenas da escrita, mas na construção de um sujeito pensante. (ALVES, 2013, p.34)

Visto como um processo fundamental para aquisição da escrita, Alexandroff (2010, p.5) em seu artigo cita Vigotsky quando comprova em seus estudos esta relação do desenho para a escrita:

Em relação à linguagem escrita, Vygotsky afirma que “[...] o brincar de faz de conta, o desenho e a escrita devem ser vistos como momentos diferentes de um processo essencialmente unificado [...] (1989 p.131), o que nos leva a conclusão de que “[...] brincar e desenhar deveriam ser estágios preparatórios do desenvolvimento da linguagem escrita[...] (op., p.134).

Para realçar a importância do desenho na educação infantil, o presente artigo também irá se valer das contribuições dos estudos de Vera Barros de Oliveira, Doutora em Psicologia escolar. A autora nos mostra a evolução do desenho segundo Lowenfeld. Esta evolução se dá na primeira infância da seguinte maneira:

Em grandes linhas, sua evolução mostra, na primeira infância, três grandes conquistas estruturais da criança. A primeira é quando ela percebe a relação gesto-traço, ou seja, quando percebe que o risco é uma resultante do seu movimento com o lápis. A segunda, é quando compreende que pode representar intencionalmente um objeto graficamente e, a terceira, quando consegue organizar essas representações, formando todos significativos, primeiramente muito mágicos e subjetivos, e depois, cada vez mais complexos, detalhados e próximos à realidade objetiva. (OLIVEIRA, 2002, p. 43)

Lowenfeld citado por Oliveira (2002, p. 44) reforça a importância do desenho afirmando: “a evolução do desenho acompanha, assim, o caminho em direção também à escrita, compreendida finalmente pela criança como um todo coerente e simbólico que representa o que se pensa e o que se fala”.

Ainda nesse contexto, Lowenfeld, cita duas fases da evolução do desenho. A Fase I – representa o começo da auto expressão gráfica. A etapa da garatuja (de 1 a 4 anos). Nesta fase as garatujas aparecem da seguinte forma, conforme organizado abaixo.

GARATUJA DESORDENADA – de 1 a 2 anos. Ainda não há consciência da relação traço-gesto, e, portanto, a criança muitas vezes não olha para o que faz. Seu maior interesse está em explorar o material e riscar o chão, as portas, o próprio corpo e os brinquedos. Segura o lápis de várias maneiras, com as duas mãos alternadamente. Todo o corpo acompanha o movimento. Não usa os dedos ou o pulso para controlar o lápis. Faz inicialmente figuras abertas, ou seja, linhas verticais ou horizontais, muitas vezes num movimento amplo de vaivém. Com argila, amassa e bate.

GARATUJA ORDENADA – aproximadamente a partir dos 2 anos, a criança descobre a relação gesto-traço, e se entusiasma muito. Passa a olhar o que faz, começa a controlar o tamanho, a forma e a localização dos desenhos no papel. Varia as cores intencionalmente. Começa a fechar suas figuras através de formas circulares ou espiraladas. Perto dos 3 anos começa a segurar o lápis como um adulto. Copia intencionalmente um círculo, mas não um quadrado. Descobre, mas não inventa relações entre o que desenhou e a realidade. Com argila, começa a fazer bolas e “salsichas”.

GARATUJA NOMEADA – aproximadamente a partir dos 3 anos, faz a passagem do pensamento cinestésico, motor, ao imagético, frente ao desenho, ou seja, representa intencionalmente um objeto concreto, através de uma imagem gráfica. Passa mais tempo desenhado. Distribui melhor os traços no papel. Descreve verbalmente o que fez e começa a anunciar o que vai fazer. Relaciona o que desenha ao que viu ou vê, sendo que o significado de seu desenho é quase sempre só inteligível para ela mesma. Alguns movimentos circulares associados a verticais começam a dar forma a uma figura humana (esquema céfalo-caudal).

Fase II – é a fase da afirmação da representação gráfica – a fase pré-esquemática. Dos 4 a 6 anos.

A consciência da analogia entre a forma desenhada e o objeto representado se afirma. Ou seja, a relação ao nível gráfico significante-significado se constrói definitivamente. Vemos aqui como a representação gráfica é muito mais tardia do que a lúdica e a verbal. Enquanto a brincadeira simbólica e a linguagem já estão bem organizadas, a gráfica só agora começa a se afirmar. A criança que já constrói grandes cenas dramáticas brincando só agora começa a organizar seus desenhos representativos. Essa organização se dá principalmente através da combinação de formas circulares e longitudinais, formando figuras reconhecíveis. A representação da figura humana evolui em complexidade e organização, seguindo dois eixos principais, um vertical (céfalo-caudal) e depois na horizontal (próximo-distal). A representação da cabeça fica cada vez mais elaborada. Aparecem lentamente os braços, as mãos, os pés, muitas vezes com vários dedos, radiados, e às vezes aparece o corpo. Ao se aproximar dos 7 anos, a criança já elabora um esquema corporal, com traços duplos representando braços e pernas. (OLIVEIRA, 2002, p.45)

A contribuição de Lowenfeld deixa claro como é importante que a família saiba exatamente como as habilidades trabalhadas na educação infantil são bases para aprendizagens futuras e para tanto, faz-se necessária a parceria da família com a escola, para compreender e valorizar as potencialidades das crianças.

Assim acontece com as brincadeiras. A brincadeira é de grande importância também para a criança da educação infantil, pois, reflete o seu pensar e sentir, bem como o seu desenvolver.

Desta forma, o presente artigo segue ainda as contribuições de Oliveira, que ressalta a importância não só do desenho, mas, da brincadeira na educação infantil. Para nortear seu trabalho, Oliveira (2003) valeu-se da contribuição da visão de Piaget e de Winnicott. Para fins deste trabalho, acompanharemos a evolução da brincadeira segundo a visão de Piaget.

A brincadeira também é dividida por faixa etária, então, segundo Piaget na criança de 1,5 a 2 anos o corpo funciona ainda como marco físico do eu. A brincadeira simbólica se organiza à volta do corpo, principalmente na região entre pernas, próxima à região genital. Entre 2 e 3 anos, a criança não tem mais necessidade de um marco físico para se organizar (não organiza mais a brincadeira à sua volta); as lembranças vêm mais de longe e cada vez maiores, e se manifestam mais sob forma de manifestação lúdica; as verbalizações se fazem principalmente em relação ao eixo presente ou ao passado próximo e mantêm-se presas ao real. O imaginado ainda não adquiriu voz própria, a boneca ainda não fala o que quer ou do que tem medo. Por volta de 3 a 5 anos existe a formação de grandes cenas dramáticas, os personagens são cada vez mais uma recriação do sujeito do que uma reprodução; a verbalização se transporta cada vez mais à situação imaginada. A criança fala do representado e os personagens adquirem fala, com voz, timbre, entonação e ritmos próprios; a memória combina de forma ordenada diversos momentos do passado; os contextos representados tornam-se cada vez mais vivos e dramáticos, com a emergência de profundos esquemas afetivos; as situações são revividas de forma cada vez mais original e ativa, a criança usando a sua imaginação para assimilar o que não compreendeu no passado. Já de 4 a 6 anos o simbolismo coletivo e a reaproximação da realidade objetiva estão agora em nível mais abstrato. Nesta etapa, as características mágicas e anímicas decrescem com a capacidade da criança de ver a realidade de forma menos subjetiva e mais objetiva; aparece a brincadeira simbólica coletiva, várias crianças encenando uma situação. A fase anterior, a vivência pela criança de vários papéis, lhe possibilitou compreender melhor o outro e brincar com ele; aparecem os primeiros sinais da brincadeira de regra. (PIAGET apud OLIVEIRA, 2002, p.34)

Assim como qualquer fase de desenvolvimento da criança, a brincadeira também tem seu caráter evolutivo e, portanto, é um dos pontos que merecem destaque para a parceria da família com a escola.

O que ocorre hoje, a nosso ver, pelas transformações sociais do nosso tempo, é a desorganização da estrutura familiar, pela intervenção dos papéis paternos e o papel do próprio filho, que é transformado numa promessa, imposto a ele o lugar da promessa familiar, localizado na escola a responsabilidade da formação desse sujeito, através da indução, orientação, educação integral desse filho. E, muitas vezes, para muitos sujeitos e seus familiares, a escola passa a ser um empecilho para que essa promessa vire realidade. Essa é uma inversão bastante comum nos nossos dias. (ALVES, 2013, p. 29)

Entendendo mais esta etapa da educação infantil, os responsáveis podem dar o devido valor às crianças que ali se encontram, entendendo, respeitando e valorizando cada passo na evolução da aprendizagem.

FAMÍLIA E ESCOLA

A família tem um papel importantíssimo além da educação de valores e culturas próprias, este papel estende-se à educação escolar, entendendo e apoiando o filho em seu ingresso na educação infantil. Portanto, faz-se necessário que a família esteja sempre em parceria com a escola nesta fase, para dar suporte aos seus filhos, porém o que se percebe na fala dos pais de filhos na educação infantil, que esta etapa é apenas de socialização e de brincadeiras, mas não entendem que esses e outros aspectos trabalhados na educação infantil tem papel relevante para as aprendizagens futuras das outras etapas da educação básica. Desconhece-se e desrespeita-se a importância do brincar, do desenhar, e de todas as habilidades trabalhadas no contexto da educação infantil.

A mudança de olhar para a infância é uma necessidade urgente, responsabilidade de todos aqueles envolvidos com o desenvolvimento da criança. (ALEXANDROFF, 2010, p.16)

A partir desta constatação, pergunta-se: como a família pode contribuir para o pleno desenvolvimento do filho que cursa a educação infantil? De que forma os responsáveis podem atuar a fim de serem parceiros da escola?

Para nortear este tema da relação entre a família e a escola, o referido capítulo contará com as contribuições de Cris Poli e Augusto Cury.

Cris Poli é argentina, formada em Magistério e em Educação na Língua Inglesa. Veio morar no Brasil em 1976 e atualmente trabalha com orientação às famílias brasileiras.

Para Poli (2008, p. 16) "... É preciso que pais e professores falem a mesma linguagem com a criança para que ela possa seguir na mesma direção, com o mesmo objetivo, tanto em casa como na escola".

Há uma necessidade de se entender a importância deste processo e participar de forma consciente e ciente de como a criança representa suas potencialidades. Quando a fala dos pais/responsáveis e professores é a mesma, a criança é favorecida por esta singularidade, permitindo que as mesmas, tenham confiança e certeza do seu fazer. Outro autor de grande renome no cenário da educação é Augusto Cury. Cury é psiquiatra, pesquisador na área da educação e qualidade de vida, desenvolvimento da inteligência, dentre outros. Sua contribuição também gira em torno do tema em questão e em como as famílias podem lidar com a educação dos filhos.

... Educar é acreditar na vida, mesmo que derramemos lágrimas. Educar é ter esperança no futuro, mesmo que os jovens nos decepcionem no presente. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência. Educar é ser um garimpeiro que procura os tesouros do coração. (CURY, 2003, p.5)

Pais e professores devem unir-se num esforço constante e diário para entender, compreender e respeitar a criança da Educação Infantil, possibilitando a elas que todas as suas potencialidades sejam preservadas e desenvolvidas dentro do que elas são capazes de oferecer. Portanto, mais uma vez reforça-se a necessidade de uma parceria entre a família e a escola, para que pais e professores tornem-se brilhantes e fascinantes na vida da criança.

RELATO DE EXPERIÊNCIAS

Por meio de uma pesquisa aleatória foi possível relatar alguns discursos relacionados ao tema em questão e trazer as situações vividas diariamente como confirmação concreta da visão que os responsáveis têm sobre as crianças desta faixa etária.

Abaixo segue trecho de conversa informal feita com pais de crianças da educação infantil, onde fica claro de como esta etapa da educação escolar é vista e como os pais podem atuar de forma mais parceira e mudança de olhar para um acompanhamento efetivo desta fase da criança. Nas referidas conversas, se percebe que o desconhecimento da importância da educação infantil se dá em meios diversos de pessoas com profissões distintas (desde pais graduados, pós-graduados e até mesmo sem a conclusão do ensino médio) e crianças de escolas diferentes, mas, a fala dos pais é a mesma, ou seja, que na educação infantil não há nada de muito importante a ser feito.

Família 1. Casal com criança no maternal I. O pai diz: "maternal é enrolação, a criança fica brincando o tempo inteiro." Sua esposa que trabalha de segunda a sábado e não tem com quem deixar a criança, retirou o mesmo da escola e deixou sob os cuidados de uma pessoa que toma conta de crianças perto de sua casa, pois, contempla o tempo que ela necessita para ir e voltar do trabalho;

Família 2. Casal com criança no maternal II. A mãe está insatisfeita e diz: "na escola da minha filha ela brinca muito, eu não estou gostando disso. Minha vontade é de transferi-la para uma escola forte". O pai diz que não entende nada deste assunto e por ele a filha fica onde está.

Família 3. Casal com duas crianças na educação infantil. A mãe trabalha por escala ficando dois dias fora de casa e o pai fica responsável pelos acontecimentos escolares neste período e relata: "eles têm muitos trabalhos, inclusive de casa, e, às vezes esqueço até de verificar recados na agenda".

Família 4. Casal com filho no maternal I. Segundo a mãe, o filho não conseguiu se adaptar à escola o ano inteiro, tem várias queixas quanto à escola, mas vai permanecer na mesma pois, não tem tempo para novas adaptações.”
Família 5. Casal com duas crianças na educação infantil. A mãe gosta da escola, pois tem muitas atividades e dever de casa também. Tem dificuldades em fazer os deveres de casa.

Família 6. Casal com filho no Pré-I. Os pais não estão satisfeitos, gostariam de mudá-lo de escola, mas não têm disponibilidade para que esta transferência seja feita e vão deixar o filho onde está.

Família 7. Casal com filho no maternal II. O casal está de acordo em não trocar de escola, pois, a criança demorou muito a se adaptar e mesmo sabendo que a escola é limitada em diversos quesitos, vão deixar o filho na mesma. No discurso destes pais, o que importa é a praticidade de ver o filho numa escola perto de casa, ou retirá-la priorizando o trabalho para aumentar a renda familiar, ou deixar na escola mesmo sabendo que a mesma não contempla com os devidos cuidados desta faixa etária. E por este ou outros motivos, as crianças da educação infantil vão sendo deixadas de lado para atender outras necessidades que não a delas próprias e com isto, muitos problemas de aprendizagem podem acontecer, e não por que a criança não é capaz, mas sim por ter sido tornada incapaz na sua capacidade de criar, interagir, imaginar, e todas as habilidades que lhes são inerentes e por isto muitas acabam tendo que ter um apoio do profissional da psicopedagogia, para minimizar seus problemas de aprendizagens.

Daí a importância também de entender e respeitar a primeira infância e seu ingresso na educação básica, mais especificamente na educação infantil.

Aprender a respeitar os seus limites, entender suas potencialidades e valorizar o que lhe é inerente é algo que tem que ser mudado na visão das famílias responsáveis pelas crianças desta importante fase da vida.

PSICOPEDAGOGIA

A Psicopedagogia é um campo de atuação em Saúde e Educação que lida com o processo de aprendizagem humana: seus padrões normais e patológicos considerando a influência do meio - família, escola e sociedade - no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da Psicopedagogia. (CÓDIGO DE ÉTICA DA ABPp, 1996)

A Psicopedagogia, área de conhecimento interdisciplinar, tem como objeto de estudo a aprendizagem humana. É papel fundamental do psicopedagogo potencializá-la e atender as necessidades individuais, no decorrer do processo.

O trabalho psicopedagógico pode adquirir caráter preventivo, clínico, terapêutico ou de treinamento, o que amplia sua área de atuação, seja ela escolar - orientando professores, realizando diagnósticos, facilitando o processo de aprendizagem, trabalhando as diversas relações humanas que existem nesse espaço; empresarial - realizando trabalhos de treinamento de pessoal e melhorando as relações interpessoais na empresa; clínica - esclarecendo e atenuando problemas; ou hospitalar - atuando junto à equipe multidisciplinar no pós-operatório de cirurgias ou tratamentos que afetem a aprendizagem. É importante salientar que a Psicopedagogia é uma área que vem para somar, trabalhando em parceria com os diversos profissionais que atuam em sua área de abrangência. (BEYER, 2003, p.1)

O psicopedagogo realiza diagnóstico e intervenção psicopedagógica, utilizando métodos, instrumentos e técnicas da Psicopedagogia. Orienta, coordena e supervisiona cursos de Especialização. Atua na prevenção dos problemas de aprendizagem.

Com um campo de atuação amplo, o psicopedagogo dentre suas funções, tem a função de intervir no âmbito escolar, conforme acima citado, facilitando o processo de aprendizagem, trabalhando as diversas relações humanas que existem nesse espaço. Relações estas que diversas vezes tem seu início no cerne familiar, no que tange as dificuldades de aprendizagem.

A aprendizagem é um processo que vai muito além do âmbito escolar. Ela começa no seio da família, nos modelos de aprendizagem, absorvidos nas relações familiares e, se estende, por todas as relações do indivíduo. (FERNÁNDEZ apud FRANCO, 2012, p. 8).

Segue abaixo um exemplo de intervenção psicopedagógica em criança da educação infantil, onde a criança na verdade não tinha nenhum problema de aprendizagem, o que aconteceu é que por desconhecer o que sua filha era capaz de produzir em seus 3 anos de idade, o pai agiu de forma incorreta quanto ao desenho, e, provavelmente a escola também e com isto a filha começou a não querer mais desenhar.

Bons pais atendem, dentro das suas condições, os desejos dos seus filhos. Fazem festas de aniversário, compram tênis, roupas, produtos eletrônicos, proporcionam viagens. Pais brilhantes dão algo incomparavelmente mais valioso aos filhos. Algo que todo o dinheiro do mundo não pode comprar: o seu ser, a sua história, as suas experiências, as suas lágrimas, o seu tempo. (CURY, 2003, p.9)

A escola mandou o livro com atividade de casa, onde nesta atividade, era pedido que a criança desenhasse a sua própria casa, porém, na página anterior havia uma casa desenhada. A criança em questão sentiu-se inibida em desenhar, pois havia ali um modelo a ser seguido. O pai, que no momento estava fazendo a atividade com a criança, insistiu que a mesma desenhasse e lhe mostrava a figura da casa na página anterior. A filha, desmotivada, disse que não sabia. O pai, que desconhecia as etapas de desenvolvimento que necessariamente a criança tem que passar, segurou na mão da filha e desenhou uma casa nos moldes tradicionais. A partir deste dia, a criança recusava-se a desenhar, mesmo que fosse de brincadeira. Como a mãe, na época do acontecido, era estudante de psicopedagogia, conversou com seus professores que lhes sugeriram algumas "intervenções" a fim de ver a criança ter sua habilidade de desenho de volta. Então, com orientações ao esposo, e trabalhando em conjunto, a criança conseguiu tomar gosto novamente por desenhar.

A partir daí, o casal passou a respeitar e a ter mais delicadeza no trato com a filha. Para que a mesma voltasse a ter gosto pela arte de desenhar, foi sugerido que se trabalhasse muito com giz no chão, deixando a criança explorar o espaço que estava tendo disponível; também foi mudada a forma como o seu desenho era tratado. Ao invés de lhe perguntar o que havia desenhado, a pergunta que deveria ser feita era: "me conta a história do teu desenho?"; toda vez que trabalhavam o desenho com ela em casa, primeiro era contada uma história e depois "brincava-se de desenhar", e na verdade, no desenho ela retratava a história, mas da sua forma. Então, se era para desenhar um leão, por exemplo, antes havia uma brincadeira de ir ao zoológico e depois "brincavam" de desenhar os animais. Com mudanças na conduta em casa e com conversa com a escola, a criança voltou a desenhar e não mais se intimidar com o que lhe era pedido nas atividades. Seus limites nos traços foram respeitados e a mesma sente prazer em desenhar.

São inúmeros pais que dizem querer cuidar da formação dos filhos, mas não se sentem capazes de fazê-los. Os futuros pais e mães, a fim de se tornarem capazes conscientes de seu papel na vida do filho, precisam preparar-se antes mesmo de a criança nascer. (POLI, 2008, p.57)

Assim como esse casal conseguiu perceber e trabalhar a dificuldade escolar da filha em parceria com a escola, outros poucos também o fazem. É grande a queixa dos professores da Educação Infantil quanto este tema. Os professores se queixam quanto às famílias especialmente por não entenderem sobre o trabalho feito nesta etapa da Educação Básica e também como este trabalho é executado. Os pais querem os filhos na escola, mas, não se interessam ao menos em saber sobre a metodologia da escola que matriculam seus filhos. Depois, quando se sentem prejudicados, vão à escola reclamar, mesmo sem entender a proposta da escola e se a mesma é coerente com a aprendizagem das crianças.

Neste caso, mais uma vez, se faz necessária a ação do psicopedagogo, para conversar com os pais a fim de saber o que estes sabem quanto à Educação Infantil, e também mediar este conflito entre pais e escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foram expostas algumas incumbências importantes para a relação entre a família e a escola na educação infantil, realçando pontos relevantes para que esta parceria possa ocorrer de forma significativa.

O objetivo principal deste artigo foi conscientizar os pais da importância de uma participação mais ativa com a escola, tornando-se parceiros e ativos na busca de uma aprendizagem de forma a respeitar os saberes e limites dos filhos encontrados na educação infantil.

Para tanto, este artigo valeu-se da contribuição de estudiosos da área da educação para que os pais tenham a real noção da importância da sua colocação frente à escola.

Buscou-se através de um trabalho bibliográfico, pautados em artigos e literatura específicos a este tema, dar contribuições aos pais/responsáveis sobre os devidos esclarecimentos acerca da primeira infância, o reconhecimento da importância desta fase da criança e uma mudança de olhar quanto esta faixa etária.

Então, a parceria entre a família e a escola pode acontecer de forma bem eficaz conforme a própria literatura nos conduz, bem como, um esforço coletivo para que a teoria torne-se uma prática constante e permanente.

A infância é uma etapa importantíssima para o desenvolvimento de diversas habilidades inerentes às crianças desta faixa etária, e a participação da família, enquanto primeiros e principais educadores, na parceria com a escola a partir da educação infantil é fundamental, necessária e urgente, pois é a partir daí que problemas podem ser detectados, minimizados e/ou até mesmo evitado.

A fim de ver a primeira infância respeitada, é importante uma mudança de visão para o grupo pertencente a esta faixa etária. Acredita-se que nos cursos de planejamento familiar, bem como nas palestras pré-natal, faz-se necessário que os futuros pais tenham a real compreensão do que é relevante para o desenvolvimento do filho que está por vir.

Assim, também no ingresso do mesmo na educação infantil, onde a escola deve ter o papel de assumir esta criança e sua família, explicando sobre todo o processo que ocorre neste período da educação básica, ministrando palestras sobre este tema e mudando a postura nas reuniões escolares, onde ao invés de conversar somente sobre o calendário escolar e eventualidades da escola, que este seja um momento de esclarecimentos acerca das potencialidades destas crianças e realizando constantemente encontros para conscientizar e manter uma relação recíproca firmando assim esta importante relação que é a família e a escola.

Sugerem-se outros estudos a respeito deste tema para que a conscientização e mudança de olhar para as crianças da faixa etária de 0 a 6 anos sejam mais compreendidas e mais respeitadas, pois, com suporte científico, os responsáveis por estas crianças possam promover em si uma mudança de atitude quanto aos mesmos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, RICARDO C. S.; O corpo do professor. Curitiba, PR: CRV, 2013.
- CAMPOS, A. L.; Primeira infância: um olhar desde a neuroeducação. 1 ed. Peru: Cerebrum, 2010.
- CERISARA, A.B; Rousseau – Educação na Infância. 1 ed. São Paulo: Scipione, 1989.
- CURY. AUGUSTO JORGE, Pais brilhantes, professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DRUCKERMAN, Pamela; Crianças francesas não fazem manha. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- JÓIA, A.; Panorama da primeira infância: avanços e desafios. Revista de Pedagogia Perspectivas em Educação. São Paulo, 2008. Disponível <<http://www.unicaieiras.com.br/revista2/index.htm>> Acesso em: 19 de jul 2013.
- OLIVEIRA, V.B.; A brincadeira e o desenho da criança de zero a seis anos: uma avaliação psicopedagógica. In: Oliveira, Vera Barros; Bossa, Nádia A. Avaliação Psicopedagógica da criança de Zero a Seis anos. 13 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- PIAGET, JEAN; Seis Estudos de Psicologia. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- POLI, CRIS; Pais e professores educando com valores. São Paulo: editora Gente, 2008.
- SEM AUTOR. Primeira Infância. 2007. Disponível em: < <http://www.institutocamargocorrea.org.br/infancia/Paginas/infancia.aspx>> Acesso em: 21 jun 2014
- ALEXANDROFF, M. C. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. Constr. psicopedag. vol.18 no.17 São Paulo dez. 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542010000200003&script=sci_arttext Acesso em 02 jul 2014
- BEYER, M. A. Psicopedagogia: ação e parceria. 2003. Disponível em:< http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=450#.U9o8_ONdWbY> Acesso em: 15 jun 2014
- FRANCO. L.F.M. A psicopedagogia na busca por mais perguntas e respostas para a educação. 2012. Disponível em:< <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1506>> Acesso em 21 mai 2014
- CÓDIGO DE ÉTICA DA ABPp. Disponível em< <http://www.psicopedagogia.com.br/links/leis/codigo.shtml>> Acesso em: 03 jun 2014
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> > Acesso em: 03 jun 2014
- REFERENCIAL CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL. Disponível em< http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf > Acesso em 04 jun 2014.



www.saojose.br | (21) 3107-8600
Av. Santa Cruz, 580 - Realengo - Rio de Janeiro